



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS

RUTH EMANUELLE CARVALHO MOREIRA

A FORMAÇÃO LEITORA E A DEFICIÊNCIA VISUAL:
REFLEXÕES SOBRE O ACESSO À LITERATURA BRAILLE

JOÃO PESSOA - PB
2023

RUTH EMANUELLE CARVALHO MOREIRA

**A FORMAÇÃO LEITORA E A DEFICIÊNCIA VISUAL:
reflexões sobre o acesso à literatura braille**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito para a obtenção do
título de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adenize Queiroz de
Farias.

**JOÃO PESSOA - PB
2023**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M838f Moreira, Ruth Emanuelle Carvalho.

A formação leitora e a deficiência visual: reflexões sobre o acesso à literatura braille / Ruth Emanuelle Carvalho Moreira. - João Pessoa, 2023.

34 f. : il.

Orientação: Adenize Queiroz de Farias.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Deficiência visual. 2. Formação aluno-leitor. 3. Braille. I. Farias, Adenize Queiroz de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 376-056.262(043.2)

RUTH EMANUELLE CARVALHO MOREIRA

**A FORMAÇÃO LEITORA E A DEFICIÊNCIA VISUAL:
reflexões sobre o acesso à literatura infanto-juvenil em braille.**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito para a obtenção do
título de licenciatura em Pedagogia.

João Pessoa, 06 de Junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

ADENIZE QUEIROZ DE FARIAS

Profª. Drª. Adenize Queiroz de Farias.

Izaúra Maria de Andrade da Silva

Profª. Drª. Izaúra Maria de Andrade da Silva

Dina Pereira de Melo

Profª. Me. Dina Pereira de Melo

JOÃO PESSOA - PB

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me possibilitou chegar onde cheguei,

Agradeço aos meus Pais, Eunice da Costa Carvalho e Odaizio Batista Moreira, por todo amor e incentivo mesmo não entendendo a minha formação.

Agradeço aos meus irmãos, Rakel Carvalho Moreira e Mikael Carvalho Moreira, por entenderem minha ausência durante esse estudo e por me apoiarem incondicionalmente.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba por me proporcionar tanto aprendizado e ter sido meu lar em muitos momentos.

Agradeço imensamente à minha orientadora Adenize que não me deixou desistir frente às adversidades.

Agradeço de forma imensurável às minhas amigas Bárbara Santos, Stéphany Cananeias, Edna Almeida e Andreza Vidal por me ajudarem, incentivarem e não me deixarem desistir do desejo de ser educadora.

Agradeço à minha companheira Isabel por todo apoio e incentivo. Sem você esse percurso teria sido ainda mais difícil.

Agradeço também aos meus finados companheiros que por algum tempo me ajudaram e disso não esquecerei.

Agradeço a minha maravilhosa psicóloga Janaína Apolinário pelas orientações e por me acompanhar no momento mais obscuro que já passei.

Agradeço aos meus queridos amigos: Kaline Santos, Lucas Carvalho, Júlia Santos, Haulisson Rodynny, Denio Silva e Lucivânia Gosaves.

Agradeço aos meus compadres Hebert Palhano e Luana Palhano por toda oportunidade e apoio fornecido, serei eternamente grata.

Conforme promessa feita no início da graduação, agradeço também as Plataformas Google, por possibilitar que, mesmo sem um computador e acesso a internet, realizasse os trabalhos que me foram delegados ao longo da formação.

Vencer na vida é manter-se de pé quando tudo parece estar abalado. É lutar quando tudo parece adverso. É aceitar o irrecuperável. É buscar um caminho novo com energia, confiança e fé.

(Dorina Nowill)

RESUMO

A leitura enquanto instrumento mediador para a aquisição de novos conhecimentos apresenta-se como aspecto essencial para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens, assim como contribui com habilidades de comunicação e incentiva o processo criativo. Este trabalho teve como objetivo compreender como se dá o acesso à leitura por parte de adolescentes e jovens com cegueira ou baixa visão. Participaram desta pesquisa quatro jovens cegos e uma com baixa visão, entre 12 e 22 anos de idade. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada realizada de forma online com estudantes residentes nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Rio de Janeiro. Foram realizadas também pesquisas bibliográficas relacionadas ao tema para discussões e análises tendo como base os dados coletados nas entrevistas. Os resultados obtidos permitiram compreender como se dá o acesso aos livros braille e informações acerca do acervo acessível para pessoas com deficiência visual. Buscou-se relacionar as problemáticas envolvidas com as experiências dos estudantes, retratando a realidade enfrentada por alunos com deficiência visual em ambientes educacionais e não educacionais. Apesar da legislação garantir o acesso a livros em braille, a presença desses recursos ainda enfrenta escassez devido aos obstáculos enfrentados para sua confecção e disponibilização, resultando em baixa disponibilidade no mercado. Em suma, é necessário pressionar as autoridades para garantir o cumprimento das leis que respaldam o direito à literatura, educação e cultura, a fim de promover a verdadeira inclusão e garantir o direito constitucional à educação universal.

Palavras-chave: Deficiência Visual; Formação aluno-leitor; Braille.

ABSTRACT

Reading as a mediating tool for acquiring new knowledge is essential for the cognitive development of children and young people. It also contributes to communication skills and encourages the creative process. This study aimed to understand how access to reading is provided for adolescents and young people with blindness or low vision. Four blind and one low vision young individuals, aged between 12 and 22, participated in this research. A semi-structured interview conducted online was used as the data collection instrument, involving students residing in the cities of João Pessoa, Campina Grande and Rio de Janeiro. Bibliographic research related to the topic was also conducted for discussions and analysis based on the data collected from the interviews. The results allowed for an understanding of the access to Braille books and information about the available collection for people with visual disabilities. The aim was to relate the problems involved to the experiences of the students, depicting the reality faced by visually impaired students in educational and non-educational environments. Despite legislation guaranteeing access to Braille books, the presence of these resources still faces scarcity due to the obstacles encountered in their production and availability, resulting in low availability in the market. In summary, it is necessary to exert pressure on authorities to ensure compliance with laws that support the right to literature, education, and culture in order to promote true inclusion and guarantee the constitutional right to universal education.

Keywords: Visual Impairment; Student-reader formation; Braille.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

DV - Deficiência Visual

FDNC - Fundação Dorina Nowill para Cegos

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBC - Instituto Benjamin Constant

MEC - Ministério da Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PALAVRAS AO TOQUE: A Jornada da leitura para pessoas com deficiência visual.....	12
2.1 O processo de alfabetização e a sua importância.....	12
2.2 A aquisição da leitura em braille.....	13
2.3 Livros em braille; a produção, a legislação brasileira e a escassez.....	15
2.4 A importância do acesso à leitura para pessoas com deficiência visual....	17
3. PERCURSO METODOLÓGICO	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICES.....	33

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho disserta sobre a relação entre a formação do aluno leitor e a deficiência visual (DV), tendo como objetivo geral compreender como se dá o acesso à leitura por parte de adolescentes e jovens com cegueira ou baixa visão. Atualmente, professores e outros profissionais da educação enfrentam inúmeras dificuldades relacionadas à ausência de formação continuada de qualidade, de suporte e de recursos pedagógicos que possibilitem melhor atendimento às especificidades de alunos e alunas com cegueira e/ou baixa visão. Essa é uma problemática recorrente tanto na formação inicial como na formação em serviço, se considerarmos que tanto na universidade como para os profissionais que já atuam, formações específicas acerca do sistema braille e de outros elementos que envolvem leitura e escrita para crianças cegas ou com baixa visão são quase inexistentes.

Apesar da legislação brasileira assegurar o uso do sistema braille como base para promover autonomia e participação dos estudantes, a aplicação da lei não ocorre com a abrangência necessária, uma vez que a transcrição de obras literárias para o braille é irrisória com relação ao número de pessoas que constituem seu público-alvo.

Nesse sentido, serão tomados como objetivos específicos conhecer o processo de alfabetização e leitura em braille, como também identificar a legislação que assegura o direito de acesso ao livro em braille e conhecer os obstáculos presentes na produção desse recurso. Para tanto, realizou-se uma imersão aos apontamentos feitos pelos próprios leitores cegos e/ou com baixa visão, por meio de entrevistas, buscando-se compreender suas experiências, dificuldades individuais, e suas respectivas satisfações para com a leitura em braille.

O tema escolhido apresenta relevância do ponto de vista educacional, e teve como fatores determinantes de escolha a experiência em seminários, discussões e estágios realizados durante o curso de Pedagogia. A partir das pesquisas realizadas e de apresentações de seminários temáticos sobre Deficiência Visual foi possível compreender melhor os aspectos sobre a cegueira e a baixa visão, suas características e a relação da deficiência visual com a aprendizagem, como também

as intervenções que podem contribuir para o pleno desenvolvimento da criança com deficiência visual.

Para consolidar essa discussão abordaremos na fundamentação teórica o processo de alfabetização, a aquisição da leitura em braille apresentando alguns aspectos presentes nesse percurso e, posteriormente, discorreremos sobre como se dá o processo de produção de livros em braille, a legislação que assegura e os obstáculos enfrentados para a confecção e acessibilidade desse recurso tão importante para as pessoas com deficiência visual. Este trabalho está estruturado da seguinte forma: Fundamentação teórica, Percurso metodológico, Resultados e discussões e Considerações finais.

2. PALAVRAS AO TOQUE: A Jornada da leitura para pessoas com deficiência visual

Neste capítulo abordamos como se constrói o processo de aquisição da leitura, enfatizando como ocorre no caso de pessoas com deficiência visual, realizando algumas reflexões acerca dos processos: cognitivos, da produção, e do acesso de livros braille no Brasil.

2.1 O Processo de alfabetização e a sua importância

A aquisição da leitura é um processo complexo que envolve diversas habilidades cognitivas e linguísticas. Para que uma criança seja capaz de ler com fluência e compreensão, ela precisa primeiro desenvolver habilidades básicas de linguagem, como a consciência fonêmica (a capacidade de distinguir e manipular os sons da fala), o conhecimento do alfabeto e a compreensão de que as letras representam sons. Além disso, a aquisição da leitura também envolve a capacidade de entender a sintaxe, o vocabulário e a estrutura gramatical da língua escrita. De acordo com Martins (2003), a leitura é vista como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos. Nesse sentido, o desenvolvimento da leitura, enquanto oportunidade de desenvolvimento e conscientização, é primordial na formação do indivíduo como cidadão e de caráter fundamental para a sociedade atual.

O processo de alfabetização deve ser adequado à idade e ao nível de desenvolvimento do indivíduo, valorizando sua experiência prévia e seu conhecimento de mundo. Além disso, é importante que o processo seja lúdico e significativo, utilizando de recursos pedagógicos variados e explorando as múltiplas linguagens e formas de expressão. A leitura, por sua vez, possibilita que o indivíduo reflita sobre o mundo. A literatura desempenha importante papel social, pois, “o conteúdo das obras em si próprias e a influência que a literatura exerce no receptor fazem da literatura um instrumento poderoso de mobilização social.” (CALDIN, 2003, p. 47).

Durante a leitura é possível desvincular-se dos significados imediatamente perceptíveis e ressignificar elementos que constitui o mundo que o educando está inserido, construir novas relações, compreender e construir conhecimentos que se têm sobre si mesmo, sobre as outras pessoas e sobre os lugares conhecidos ou ainda desconhecidos. Portanto, consideramos importante pensar como ocorre o processo de aquisição da leitura para pessoas com deficiência visual.

2.2 A aquisição da leitura em braille

O sistema braille é um código tátil composto por seis pontos e com 63 combinações que representam letras, números, sinais matemáticos, fonéticos e musicográficos e mais recentemente ganhou sinais informáticos e químicos (BRASIL, 2004, 2017). O sistema Braille foi criado em 1825, e recebe o nome de seu criador, o francês Louis Braille. No entanto, chegou ao Brasil apenas em 1854, com a fundação do atual Instituto Benjamin Constant (IBC) até então nomeado como Imperial Instituto dos Meninos Cegos, introduzido por José Álvares de Azevedo, que foi o primeiro professor cego do Brasil e fundador do instituto, nascido em 08 de abril de 1834. Atualmente comemora-se o dia Nacional do braille nessa data em homenagem ao professor José Álvares de Azevedo, ratificada por meio da Lei nº. 12.266/2010.

Art. 1º É instituído o Dia Nacional do Sistema Braille, a ser celebrado anualmente, em 8 de abril.

Art. 2º No Dia Nacional do Sistema Braille, as entidades públicas e privadas realizarão eventos destinados a reverenciar a memória de Louis Braille, divulgando e destacando a importância do seu sistema na educação, habilitação, reabilitação e profissionalização da pessoa cega, por meio de ações que:

- I – fortaleçam o debate social acerca dos direitos da pessoa cega e a sua plena integração na sociedade;
- II – promovam a inserção da pessoa cega no mercado de trabalho;
- III – difundam orientações sobre a prevenção da cegueira;
- IV – difundam informações sobre a acessibilidade material, à informação e à comunicação, pela aplicação de novas tecnologias;
- V – incentivem a produção de textos em Braille;
- VI – promovam a capacitação de profissionais para atuarem na educação, habilitação e reabilitação da pessoa cega, bem como na editoração de textos em Braille (BRASIL, 2010).

Em 1946, foi inaugurada a Fundação para o Livro do Cego no Brasil. Ao longo da história, essa organização assumiu e continua a desempenhar o importante papel

de distribuir livros em braille e em outros formatos acessíveis para instituições e residências de pessoas com deficiência em todo o território nacional. Esta instituição atualmente é chamada de Fundação Dorina Nowill para Cegos (FDNC) em homenagem a sua fundadora, que teve um papel fundamental na história do braille no Brasil. Dorina ficou cega aos 17 anos devido uma doença não identificada e, desde então, tornou-se uma figura de suma importância na luta pela inclusão. Ela foi a primeira pessoa cega a se formar como professora na Escola Normal Caetano de Campos, e foi a primeira aluna cega a ingressar na Universidade de São Paulo (USP), onde se formou em Filosofia e Letras. A FDNC desempenhou papel fundamental na implementação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) que busca garantir os direitos à inclusão de pessoas com deficiência no país, aprovada em 2015.

No processo de aquisição da leitura por alunos com deficiência visual, a estimulação sensorial e o uso de recursos assistivos são primordiais para aprendizagem e desenvolvimento. Por isso, o sistema em braille favorece condições para a comunicação de forma escrita e o acesso à informação de maneira autônoma. Por meio desse ocorre o contato direto com a escrita, o que não é possível por meio de outros recursos de acessibilidade como os audiobooks. A partir do braille, o indivíduo toma consciência da gramática e ortografia, como também dos recursos estilísticos, de fonética, fonologia, morfologia e sintaxe.

Vale ressaltar que, conforme Dias e Vieira (2017), a visão recebe informações globalmente, permitindo a rápida visualização de palavras, frases e conteúdos. O tato, por sua vez, recebe informações de forma fragmentada e analítica, exigindo exploração física para obter uma compreensão completa. No processo de leitura, a pessoa cega precisa decodificar letra por letra para compreender um texto, o que demanda maior tempo em comparação a leitura de uma pessoa sem deficiência visual.

O docente possui papel importante nesse percurso para a devida preparação do aluno, pois, antes de aprender a ler e escrever em braille o educando deve adquirir capacidades psicomotoras, cognitivas e sensoriais essenciais para a escrita. Neste sentido, o aluno deve possuir capacidade de realizar movimentos como abotoar, alinhar, abrir, etc. Deve conseguir discriminar, sequenciar e identificar o

ritmo de sons. Como também deve ter consciência tátil para o reconhecimento de estruturas complexas, verificando a relação das partes com o todo, e compreender representações gráficas e a utilização de simbologia, dentre várias outras habilidades que antecedem a leitura e escrita. No entanto,

Não raro verifica-se o despreparo do professor, que desconhece as necessidades da criança nesse período. É fundamental que o profissional esteja o mais preparado possível para que possa realizar uma tarefa eficiente, a fim de alcançar os objetivos a que se propõe. (BRASIL, 2006. p. 60).

Assim sendo, a capacitação de professores em braille possibilitaria um melhor ensino e acompanhamento dos alunos, conseqüentemente aprimorando o desenvolvimento do educando não apenas na formação leitora como também em sua atuação neste universo escrito.

Por vezes o docente precisa se reinventar para minimizar os prejuízos decorrentes da ausência de livros didáticos acessíveis nas escolas. Apesar da existência da Portaria Nº 1.372 desde 2019, que instituiu a Comissão Brasileira do Braille e delegou, dentre outros pontos, que deveria

- VI - elaborar referenciais didáticos, com base em pesquisas, estudos, tratados e convenções, visando ampliar o ensino do Sistema Braille em todos os níveis, etapas e modalidades do sistema educacional;
[...]
- VII - recomendar a adoção dos referenciais didáticos na formação continuada dos profissionais da educação, assim como dos usuários do Sistema Braille e da comunidade em geral;
[...]
- IX - subsidiar o ensino e o uso do Sistema Braille no contexto educacional, por meio da elaboração de materiais técnicos e pedagógicos.

a realidade é bem divergente. Tais aspectos poderiam auxiliar na universalização da impressão de livros didáticos em braille possibilitando a utilização do mesmo livro didático em sala de aula com alunos cegos e videntes¹.

2.3 Livros em braille: a produção, a legislação brasileira e a escassez

No processo de produção de materiais impressos adaptados para pessoas com cegueira e baixa visão, o braille representa o recurso para o qual são encontradas muitas dificuldades na produção de livros em larga escala,

1. Tal como na cultura surda o termo “ouvinte” refere-se àquele que ouve, ao estudarmos sobre a deficiência visual o termo “vidente”, em seu sentido literal deve ser compreendido como aquele que ver.

destacando-se, como justificativas para esse fato negativo, fatores que vão desde a complexidade tecnológica dos recursos necessários à impressão em braille, até a necessidade do uso de materiais que vão para além do que se utiliza em materiais convencionais (como, por exemplo, o uso de ilustrações táteis) que acarretam no aumento substancial de custos, dentre outros fatores.

Segundo Preto (2009), o processo de produção do livro em braille é realizado em várias etapas e exige uma análise minuciosa para a produção de um livro acessível com qualidade. Inicialmente é realizada a seleção do livro de acordo com a relevância e procura sobre o tema, esse livro é revisado, escaneado e recebe sua primeira versão em braille. Essa versão recebe uma segunda revisão para verificar se possui algum erro ou divergência com relação ao livro em tinta para seguir para a impressão. Após essa etapa, o livro é costurado e/ou encadernado, catalogado e etiquetado para que fique disponível para o leitor. Porém esse processo pode se estender a depender do livro, pois em casos de livros ilustrados, esses devem conter a descrição de imagens em seu texto ou até mesmo a impressão com relevo e/ou texturas.

Foi possível verificar alguns aspectos que influenciam, de forma direta, na leitura destes materiais. Um dos pontos destacados foi em relação às ilustrações de livros infantis, em que foram selecionadas apenas aquelas que faziam a diferença para a compreensão de conceitos e das personagens do livro, como por exemplo, no livro da Pequena Sereia, em que a “transformação da pequena sereia em humana era um fato importante para a compreensão da história do livro, sendo (...) selecionado um tipo de verniz texturizado para diferenciar a parte do corpo humana do personagem da cauda de peixe.” (PRETO, 2009, p. 100). A numeração das páginas foi outro aspecto importante levantado durante a pesquisa desse autor, visto que facilitava a leitura que a pessoa com deficiência visual faria. O acabamento do livro em espiral foi escolhido tendo em vista que a finalização em grampo ou costura poderia avariar os pontos em braille.

Atualmente as principais Instituições que realizam transcrições e impressões em braille são a Fundação Dorina Nowill para Cegos e o Instituto Benjamin Constant que em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e o Ministério da Educação (MEC) buscam promover a acessibilidade de leitores

cegos e de baixa visão por meio desses recursos adaptados, em conformidade com o estabelecido no Artº 28 da Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015, “XII - oferta de ensino da Libras, do Sistema braille e de uso de recursos de tecnologia assistiva, de forma a ampliar habilidades funcionais dos estudantes, promovendo sua autonomia e participação;”.

No entanto, segundo apontamentos da União Mundial de Cegos, a produção de materiais literários adaptados para a leitura em braille segue, a nível global, uma escala representada em índices ainda muito desproporcionais com relação à população de pessoas com deficiência visual.

Segundo a União Mundial de Cegos — que representa aproximadamente 253 milhões de pessoas com deficiência visual de organizações em mais de 190 países —, cerca de 5% das obras literárias no mundo são transcritas para braille. Isso nos países desenvolvidos. Nos países mais pobres, essa porcentagem é 1%. (TOKARNIA, 2019.)

Dentre os países menos desenvolvidos, o Brasil está incluído.

2.4 A importância do acesso à leitura para pessoas com deficiência visual

A partir da compreensão de que a deficiência visual não interfere na capacidade e potencial cognitivo do aluno, faz-se necessário considerar o papel natural da linguagem de contribuir com o aprendizado e desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades do ser humano. Pensamento e linguagem fazem parte da interação social e do diálogo, estimulam o conhecimento de si e sobre o outro. Desta forma, a linguagem é expressão e se constrói socialmente. Desenvolver a capacidade de expressar-se através de um sistema de códigos correspondente às necessidades intrínsecas do indivíduo é de suma importância para a integração social enquanto ser humano.

Portanto, é crucial que editoras e a sociedade como um todo, reconheçam a importância da acessibilidade para pessoas com deficiência visual e trabalhem em conjunto para garantir o acesso igualitário a materiais adaptados, como os livros em braille. É preciso investir em tecnologias nacionais que tornem a produção desses materiais mais acessíveis e de menor custo, bem como promover a conscientização sobre a importância da inclusão e da acessibilidade.

A linguagem é fundamental para a formação integral do ser humano. Se as pessoas forem impedidas de se comunicar, elas poderão ficar incapacitadas, incompreendidas e ter dificuldades em desenvolver suas aptidões plenamente. A comunicação ativa com outras pessoas e o acesso a informações e conteúdos possibilitam a construção do conhecimento. Ao se comunicar com outras pessoas através de um contato ativo com o meio, o acesso a informações e conteúdos é vivenciado, sendo possível viabilizar a construção do conhecimento.

A escrita, enquanto instrumento de comunicação, contribui de forma fundamental para o acesso a novas informações e apropriação de conhecimentos, bem como amplia as possibilidades de leitura: “Quando um texto pode ser lido torna-se viável estabelecer relação de apropriação e interpretação das informações. Por meio da leitura as pessoas tornam-se mais críticas e desenvolvem a capacidade criadora” (PRETO, 2009, p. 17).

Vale ressaltar que para que uma criança vidente seja capaz de ler e se torne um adulto leitor, ela precisa ser estimulada de diversas maneiras, assim como deve ocorrer com a criança com deficiência visual. Portanto, o aluno com deficiência visual deve ter experiências significativas com materiais adaptados para que estimule cada vez mais seu desenvolvimento e apropriação da cultura. O processo de aprendizagem dos conteúdos educacionais não apresenta diferenças com relação aos educandos, mas sim há diferentes formas de apropriação do mesmo objeto de estudo por parte de cada um dos indivíduos, sejam eles com ou sem deficiência.

De acordo com Wanda Gomes, designer gráfico de materiais literários para pessoas com deficiência visual, em entrevista para a revista ISTOÉ:

A legislação brasileira que diz respeito aos direitos da pessoa com deficiência é uma das mais completas do mundo, mas falta se fazer cumprir de maneira eficiente e verdadeiramente eficaz. As editoras ainda não têm dados e conhecimento aprofundado sobre esse público consumidor. Esse público, por outro lado, ainda não vê meios concretos de fazer valer seus direitos, de exigir um acesso democrático à educação e cultura. (ISTOÉ, 2018.)

Apesar da Lei Brasileira da Inclusão nº 13.146/2015 estabelecer condições mínimas de acessibilidade para garantir os direitos e promover a inclusão social de pessoas

com deficiência, no Brasil ainda observa-se que há uma escassez de adaptações de livros em braille. Isso ocorre devido a inflexibilidade no processo de impressão e o alto custo dos equipamentos, em sua maioria importados, o que inviabiliza a produção, venda e compra desse recurso, restringindo ainda mais o acesso a materiais adaptados. De acordo com a Lei nº 10.753/2003, parágrafo único do Art 7º, “Cabe, [...] ao Poder Executivo implementar programas anuais para manutenção e atualização do acervo de bibliotecas públicas, universitárias e escolares, incluídas obras em braille.”, porém isso pouco ocorre pois o acervo de livros braille em bibliotecas encontra-se desatualizado ou até inexistente em comparação aos livros convencionais.

Com o avanço da tecnologia assistiva é possível pensar em livro braille para além do livro impresso em papel, isso se dá graças ao surgimento da linha braille eletrônica que é uma tecnologia que combina o sistema tátil do braille com recursos eletrônicos para fornecer acesso a informações digitais de forma acessível para pessoas com deficiência visual.

A linha braille eletrônica, ao contrário da linha braille convencional que utiliza pontos em relevo físicos, possui células de exibição compostas por pequenos pinos ou células que se movem para cima e para baixo. Esse equipamento se conecta a dispositivos como computadores, smartphones, tablets por meio do Bluetooth ou USB. Isso permite que pessoas com deficiência visual leiam e interajam com textos, mensagens, páginas da web e outros conteúdos digitais no formato braille. Além disso, a linha braille eletrônica pode oferecer recursos adicionais, como navegação por menus, feedback de áudio permitindo que o usuário ouça a leitura do conteúdo ao mesmo tempo em que sente o braille e até a integração com outra tecnologia assistiva.

. As linhas braille eletrônicas variam em tamanho e número de células, podendo ser portáteis ou mais extensas, com múltiplas linhas, fornecendo uma representação mais ampla. Uma das principais vantagens é a capacidade de atualizar rapidamente o conteúdo exibido, conforme o usuário navega, ela acompanha a exibição dos caracteres em braille em tempo real, proporcionando uma experiência de leitura dinâmica e interativa. Contudo, a linha braille eletrônica é de alto custo impossibilitando um acesso igualitário. Conforme Souza (2018, p. 570),

A visão mediada, servida por dispositivos tecnológicos, é o novo patamar que se apresenta, seja para realizar o milagre inventado pela literatura e pela telenovela, seja para criar novos lugares de discriminação, visto que a maior parte desses dispositivos milagrosos têm preços proibitivos para a maior parte das pessoas cegas, advindas das camadas mais pobres da sociedade.

Mesmo com a criação de dispositivos inovadores a ausência de acesso para pessoas com deficiência visual permanece sendo um estorvo e ponto-chave que reforça o preconceito, a discriminação e a privação desses sujeitos.

Pelo que vimos, desde sua criação, em 1825, até os dias atuais, o acesso ao braille passou por significativos avanços, compreendendo que no princípio o braille era confeccionado manualmente passando, ao longo da história, a ser impresso e atualmente pode ser lido virtualmente.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa possui caráter exploratório de abordagem qualitativa. De acordo com Denzin e Lincoln (2006) essa abordagem busca interpretar o mundo e compreender os fenômenos a partir dos significados que as pessoas atribuem a eles. A metodologia utilizada envolveu entrevistas com cinco estudantes que apresentam deficiência visual, com idades entre 12 e 22 anos, todas do sexo feminino. As informações coletadas por meio da pesquisa de campo e a revisão de literatura acerca da temática contribuíram para o desenvolvimento do trabalho ao proporcionar estudos e outras pesquisas relacionadas ao tema.

A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas com alunas com deficiência visual, residentes nas cidades de João Pessoa, Campina Grande e Rio de Janeiro. Conforme Richardson (2011),

A melhor situação para participar na mente do outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos. (p. 207).

No entanto, devido os entrevistados residirem em estados diferentes, tal contato não foi possível. Entendendo que o uso de questionários para tal finalidade apresenta limitações que prejudicariam a compreensão das experiências, satisfações e dificuldades das respondentes, buscamos alternativas para que as entrevistas pudessem ser realizadas mesmo que a distância. Nesse sentido, os encontros ocorreram de forma remota através da plataforma *Google Meet*®.

Visando a confidencialidade das entrevistadas as mesmas tiveram seus nomes omitidos em conformidade ao estabelecido pelo Comitê de Ética. Para tanto, as entrevistadas serão referenciadas como “Estudante 1”, “Estudante 2”, “Estudante 3”, “Estudante 4” e “Estudante 5”.

	Estudante 1	Estudante 2	Estudante 3	Estudante 4	Estudante 5
Qual sua idade?	12 anos.	19 anos.	22 anos.	17 anos.	15 anos.

Qual o seu tipo de deficiência visual (cegueira; baixa visão)?	Cegueira adquirida (doença).	Cegueira de nascença.	Cegueira total (recém-nascido; incubadora causou o deslocamento da retina).	Cegueira (de nascença).	Baixa Visão (nascença) com tendência a evoluir para cegueira. Também afetou a audição.
Atualmente, você estuda? Qual ano?	Sim, 6º ano.	Sim, 2º Ano Ensino Médio.	Parou no 1º ano do Médio.	Sim, Ciclo II.	Sim, 9º Ano.

Tabela com dados de idade, deficiência e grau de escolaridade.

Do total de cinco participantes entrevistadas, três estudam entre o 6º ano do Ensino Fundamental e o 2º ano do Ensino Médio, uma frequenta o Ciclo II da Educação de Jovens e Adultos, e uma parou os estudos no primeiro ano do Ensino Médio. As participantes apresentam faixas etárias próximas, a saber: 12, 15, 17, 19 e 22 anos de idade. Em relação ao tipo de deficiência visual, apenas uma das entrevistadas tem baixa visão, desde nascença, de acordo com o relato a deficiência tem tendência a avançar para cegueira. Das demais participantes, quatro apresentam cegueira, sendo duas desde nascença, e duas adquiriram a cegueira ainda quando recém-nascidas — a primeira devido a doença e a segunda como consequência da exposição às luzes da incubadora, ainda na maternidade, que causou deslocamento da retina.

As entrevistas foram realizadas tendo como base um roteiro semi-estruturado (APÊNDICE A) sobre interesse pela leitura, o acesso aos livros em braille, assim como suas respectivas experiências com a leitura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com os estudos realizados no presente trabalho foi possível identificar os contributos da leitura no desenvolvimento de pessoas com e sem deficiência, conhecer o processo de alfabetização e leitura em braille, como também identificar a legislação que assegura o direito de acesso ao livro em braille e conhecer os obstáculos presentes na produção desse recurso.

Compreendendo a importância da aquisição e do exercício da leitura para a formação do cidadão buscou-se, por meio dos relatos das entrevistadas, compreender como se dá o acesso à leitura por parte de adolescentes e jovens com cegueira ou baixa visão.

A partir das entrevistas realizadas foi possível observar que, numa escala de 0 a 5, onde zero corresponde a pouquíssimo e cinco a bastante, as entrevistadas “Estudante 1”, “Estudante 2” e “Estudante 3”, afirmaram apreciar muito a leitura e que costumam ler todos os dias. Conforme Caldin (2003, p. 57), “Complementam-se conhecimento, leitura e cidadania, pois sem leitura não há formação, nem conhecimento, nem cidadania. E sem cidadania não pode existir exatamente uma sociedade.” Vale apontar que a “Estudantes 1” informou ler apenas materiais da escola, enquanto que as outras costumam ampliar a leitura para literaturas de temáticas diversas.

As participantes que determinaram um nível mais baixo na escala informaram que não gostam muito de realizar leituras, sendo que a “Estudante 4” afirmou “Eu não leio muito não. Eu leio pouco, entendeu? Ainda tô aprendendo a ler”. Já a “Estudante 5”, comentou que costuma mais **ouvir** materiais literários pelo aparelho celular e ler em braille as atividades escolares, no entanto, destacou que não há livros didáticos em braille disponibilizados no ambiente educacional. Quando questionada se costuma encontrar livros acessíveis a “Estudante 5” disse em tom de constatação: “Rapaz... Só no instituto. Porque os livros em braille... tanto eles vêm de São Paulo, da Fundação Dorina Nowill ou do Instituto Benjamin Constant, do Rio de Janeiro”. Os depoimentos indicam que a falta de incentivo e de material literário apropriado prejudica consideravelmente o desenvolvimento desse público no que diz respeito ao acesso à educação, cultura e informação.

Ao elencar livros já lidos ou conhecidos em braille, algumas das entrevistadas listaram títulos semelhantes, como “Cinderela”, “Harry Potter”, “A Culpa é das Estrelas”, e “Dom Casmurro”. Todas relataram que o acesso a estes livros foi realizado no Instituto dos Cegos e destacaram a dificuldade em encontrar alguns títulos impressos em braille — como “O Mágico de Oz”; “A Arte de Ligar o Foda-se” — em outros estabelecimentos, como livrarias. Em relação a esse aspecto, constata-se que a disponibilidade de livros acessíveis para indivíduos com deficiência visual revela-se limitada em diversas instâncias destinadas à leitura. Essa escassez sugere que, por alguma razão, as pessoas com deficiência são privadas do direito de usufruir de diferentes ambientes, assim como as demais pessoas.

Referente à dificuldade para ler livros, três participantes relataram dominar a leitura do braille desde o período de alfabetização (6-7 anos de idade). A “Estudante 1” e “Estudante 4” compartilharam sentir certa dificuldade para compreender alguns sinais em braille, sendo que a “Estudante 4” está participando de aulas de reforço para aprender a ler melhor em braille. Durante a entrevista ela afirmou preferir escrever em braille do que ler, característica que talvez seja consequente da ausência de estímulo para a leitura e o retardamento da alfabetização em braille na idade adequada.

Um ponto em comum compartilhado foi a escassez de livros impressos em braille e a limitada variedade de títulos que apresentando majoritariamente, de acordo com uma das entrevistadas, cunho motivacional. Plataformas que disponibilizam E-Book e PDF foram apontadas como meio de melhor acesso à variedade de temas e conteúdos, pois esses formatos de documentos podem ser ouvidos facilmente por meio de aplicativos. No entanto, conforme analisado, tais ferramentas apresentam caráter complementar e não substituto dos livros em braille pois não contemplam as dimensões gramaticais.

A “Estudante 3” relatou: “É sempre do jeito que eu te falei, sempre história de superação [...] o único livro que eu encontrei foi Dom Casmurro [...] Só que eu encontrei a 3ª parte, a 2ª, e cadê a primeira? Não achei! Eu ganhei a culpa é das estrelas em braille, as últimas três partes mas as primeiras cadê também?”. A “Estudante 1” comentou que, por vezes, sua irmã lê livros de tinta para ela, mas no

geral, as participantes apresentaram preferência por leituras realizadas de forma independente e autônoma, através do braille ou plataformas digitais. As falas descrevem a restrição e limitação do acervo literário, e a escassez de livros impressos sobre assuntos atuais, assim como a impressão de livros em sequência, visto que muitos livros são disponibilizados em partes ao invés da coleção completa.

Nas livrarias ainda não é observada a venda de livros acessíveis, seja em braille e em custo. De modo geral, ainda há maior distribuição de obras infantis em braille do que livros para outras faixas etárias. Ela ainda comentou que talvez isto ocorra devido ao tamanho e peso do livro em braille, isto porque as histórias infantis são menores e apresentam enredos breves. Já os livros destinados ao público jovem e adulto são mais densos e numerosos, e as impressões em braille são realizadas em apenas um lado da página, tornando o livro muito pesado ou de difícil manuseio.

Apesar destas dificuldades de produção de livros em braille levantadas pela entrevistada, também foi reforçada a importância do acesso aos livros impressos por criarem oportunidades para a promoção da independência dos alunos com deficiência visual na escola. Em uma das experiências compartilhadas, a “Estudante 2” relatou que quando eram oportunizadas discussões e leituras envolvendo a turma toda, ou parcerias em grupos menores, a aluna se sentia mais encorajada com o suporte do livro didático acessível que proporciona sua participação de forma mais ativa em sala de aula.

No tocante a isso, é disposto no artigo 42 da Lei 13.146/15 (BRASIL, 2015), que os municípios devem estar devidamente preparados para responder às necessidades dos indivíduos cegos, garantindo não apenas o atendimento adequado, mas também o acompanhamento contínuo. Essa capacitação é essencial para facilitar o acesso à informação e a um espaço de leitura inclusivo que promova a cultura e o conhecimento. A “Estudante 3”, afirmou ter participado de mais experiências de leitura e ter maior acesso a materiais impressos em braille quando estudou em São Paulo do que no período que esteve na Paraíba, e compartilhou uma de suas experiências em sala de aula:

Quando eu fui estudar em São Paulo a gente tinha mais acesso aos livros normais para estudar. A professora falava assim: 'fulano hoje vai ser leitura contínua, você vai ler um parágrafo e eu vou pedir pra qualquer um continuar. Então vocês ficam lendo'. Nossa! 'Mas' eu me senti tão bem quando a professora falou "Você. Leia!" e eu consegui ler. A turma ficou "ÃN!?".

A entrevistada demonstrou sua felicidade em ter sua autonomia possibilitada, através do livro didático em braille. A turma, por sua vez, conseguiu compreender a importância da inclusão dos alunos com deficiência visual dentro de sala de aula. Sem os recursos necessários as pessoas com deficiência enfrentam o déficit em nossa sociedade de forma muito contundente e enfrentam diversos desafios na trajetória educacional. Sendo assim, é possível compreender a discrepância no acesso à educação por parte de pessoas com deficiência visual e a escassez de materiais didáticos acessíveis, inclusive dentro de ambientes educacionais.

Em entrevista com a "Estudante 5" com baixa visão foram levantadas discussões acerca da experiência com livros em braille e textos de fonte ampliada. Ao salientar sua preferência por recursos em braille, ela informou que os textos ampliados, em sua maioria, são mais difíceis de ler e compreender. Geralmente, em provas e avaliações propostas na escola, ela destacou que prefere que alguém realize as leituras caso estejam em tinta, mesmo com ampliação da fonte. A discente afirmou: "Eu me confundo muito quando o braille 'tá' dos dois lados da folha. Principalmente quando vem grampeado em cima! 'Aí' que eu me confundo!". Demonstrando a dificuldade na decodificação do braille quando o texto apresenta impressão nos dois lados da folha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente estudo foi possível verificar a relevância do acesso inclusivo aos livros em braille para jovens com deficiência visual como também a importância do incentivo para a formação do aluno-leitor, compreendendo que a leitura em braille desempenha uma função fundamental para a formação do indivíduo com deficiência visual como garantia de maior autonomia e atuação na sociedade. Dessa forma, a substituição do livro físico e braille pelos recursos de leitura de texto prejudica o desenvolvimento integral do indivíduo, minimizando a capacidade de compreensão e o contato com a palavra em si. O papel do professor é fundamental no incentivo, e no auxílio aos discentes nas etapas que antecedem o processo de aquisição da leitura. Suprir as necessidades educacionais de pessoas com cegueira ou baixa visão apresenta-se como um grande desafio enfrentado por educadores. Esta pesquisa buscou relacionar as problemáticas envolvidas às impressões dos estudantes retratando a realidade enfrentada por alunos com DV em ambientes educacionais e não educacionais.

Compreendendo a importância da formação do aluno-leitor e o quanto isso é difundido nos estudos para pessoas videntes, cabe questionar como esse processo ocorre para pessoas com deficiência visual e o porquê desse estudo ser tão pouco evidenciado. Nesse sentido, a escassez de livros escritos em braille dificulta o desenvolvimento do leitor e minimiza exponencialmente o interesse para com a leitura. Com o desenvolvimento da tecnologia, os livros digitais (como os audiobooks) crescem em circulação, no entanto, cumpre salientar que estes não possuem caráter substitutivo às produções literárias em braille, tendo em vista que, por meio dessa ferramenta, o indivíduo assume papel de ouvinte, não tendo o contato direto com a leitura e a escrita, competências de suma importância para o acesso à Educação, Informação e a Cultura.

Foram observados serviços e recursos que podem promover maior autonomia e independência dos alunos, como, por exemplo, o desenvolvimento da consciência tátil ao se basear na percepção e interpretação através da exploração sensorial. Outros recursos que apresentam relevância neste sentido são os livros sonoros e as

imagens em alto-relevo que, juntamente com os instrumentos de produção de braille, contribuem de forma significativa para uma educação mais inclusiva. Nesse sentido, a tecnologia assistiva têm desempenhado um papel significativo na promoção da inclusão de pessoas com deficiência visual no acesso à literatura. Essas são desenvolvidas com o objetivo de mitigar as barreiras encontradas por esse grupo, possibilitando-lhes o acesso, a leitura e o aproveitamento de uma variedade de materiais escritos. Através do uso de tecnologias como a linha braille, pessoas com deficiência visual são capazes de superar limitações físicas relacionadas à leitura, possibilitando, assim, o acesso e a participação ativa no mundo literário. Contudo, o acesso a algumas tecnologias possuem alto custo, tanto quanto o acesso aos livros em braille, regredindo assim para o patamar da inacessibilidade.

Conclui-se que houve êxito na busca pela compreensão da realidade quanto à leitura para jovens com deficiência visual, com destaque para o fato de que o percurso para a alfabetização e leitura em braille apresenta diversas habilidades importantes que antecedem o saber ler e escrever. Apesar da legislação assegurar a garantia de acesso ao livro em braille, a presença deste recurso ainda enfrenta importante escassez devido aos obstáculos enfrentados para a confecção e viabilização da acessibilidade de tais materiais, que ainda apresenta elevado custo de produção, acarretando em uma ínfima disponibilidade no mercado.

Referente ao percurso formativo na graduação em Pedagogia foi possível compreender minimamente as características e desafios enfrentados pelo público da educação especial. Contudo, ainda há déficit referente às metodologias focadas para sanar as principais adversidades. Muitas vezes, os pedagogos se sentem despreparados para trabalhar com estudantes com deficiência ou transtorno. A formação continuada e a troca de experiências entre educadores são fundamentais para a atuação docente e para enfrentar os desafios presentes em suas jornadas profissionais. Os educadores devem buscar sempre aprimorar seus conhecimentos para atender às demandas e necessidades dos alunos, proporcionando uma sociedade mais inclusiva.

Em suma, é indubitável a necessidade, cada vez mais emergente, de se articular cobranças aos poderes públicos quanto às devidas medidas para garantir o

cumprimento das leis que respaldam o direito à literatura, educação e cultura, a fim de promover a verdadeira inclusão, fazendo valer, assim, o direito constitucional à educação universal, fundamental para uma sociedade justa e articulada em suas manifestações, com a garantia de suas Instituições.

REFERÊNCIAS

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 24^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. Disponível em: <<https://cristianorodriguesdotcom.files.wordpress.com/2013/06/bergerluckman.pdf>>. Acesso em: 15 Mai 2023.

BRASIL. Lei nº 12.266/10. Institui o Dia Nacional do Sistema Braille. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12266.htm>. Acesso em: 15 Mai 2023.

BRASIL. Lei Brasileira da Inclusão nº 13.146/2015. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 15 Mai 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Desenvolvendo competência para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. In: Saberes e prática da inclusão. MEC, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pec-g/192-secretarias-112877938/seesp-esducacao-especial-2091755988/12656-saberes-e-praticas-da-inclusao-ensino-fundamental>>. Acesso em: 15 Mai 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dia Nacional do Sistema Braille é celebrado em 8 de abril**. MEC, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/assuntos/noticias/dia-nacional-do-sistema-braille-e-celebrado-em-8-de-abril#:~:text=Neste%20s%C3%A1bado%2C%208%20de%20abril,o%20Sistema%20Braille%20no%20Brasil>>. Acesso em: 15 Mai 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.372, de 16 de julho de 2019. Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.372-de-16-de-julho-de-2019-196326075>>. Acesso em: 15 Mai 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Grafia química braille para uso no brasil**. Brasília, 2017. 3^a edição. MEC, SEESP, 2004. 52 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/grafiainfo.pdf>>. Acesso em: 15 Mai 2023.

BRASIL. Política Nacional do Livro. Lei nº 10.753/2003. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.753compilada.htm>. Acesso em: 15 Mai 2023.

CALDIN, . F. **A função social da leitura da literatura infantil**. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 47–58, 2003. DOI: 10.5007/1518-2924.2003v8n15p47. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47>>.

Acesso em: 15 Mai 2023.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo: Quatro, 2000.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S.; Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, E. M.; VIEIRA, F. B. de A. **O processo de aprendizagem de pessoas cegas**: um novo olhar para as estratégias utilizadas na leitura e escrita. Revista Educação Especial, [S. l.], v. 30, n. 57, p. 175–188, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/21890>. Acesso em: 15 jun. 2023.

DOMINGUES, C. dos A.; SÁ, E. D. de; CARVALHO, S. H. R. de; ARRUDA, S. M. de P.; SIMÃO, V. S. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Os Alunos com Deficiência Visual: Baixa Visão e Cegueira. Universidade Federal do Ceará. Brasília, 2010.

ESTADÃO. Braille oferece autonomia para cegos, mas encontrar livros ainda é difícil. **ISTOÉ**. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/braille-oferece-autonomia-para-cegos-mas-encontrar-livros-ainda-e-dificil/>. Acesso em: 15 Mai 2023.

LEMO, E. R.; CERQUEIRA, J. B. **O Sistema Braille no Brasil**. Benjamin Constant, 2017. Disponível em: <http://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/353>. Acesso em: 15 Jan 2023.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003. Disponível em: <http://tpleitura.pbworks.com/w/file/64335735/Maria%20Helena%20Martins%20O%20que%20%C3%A9%20leitura.pdf>. Acesso em: 15 Mai 2023.

PRETO, V. de O. **Adaptação de livros de literatura infantil para alunos com deficiência visual**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/preto_v_o_me_mar.pdf. Acesso em: 15 Mai 2023.

QUEM...faz o livro em Braille? [Vídeo online]. Centro Cultural São Paulo, Youtube, 2017. 1 vídeo (7 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jzgfGOeX_4U. Acesso em: 15 Mai 2023.

RICHARDSON, R. J.; **Pesquisa Social**: Métodos e técnicas. 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2012. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x0101c>. Acesso em: 15 Mai 2023.

SOUZA, J. B. de. **Cegueira, Acessibilidade e Inclusão**: Apontamentos de uma Trajetória, v. 18, n. 3, p. 19-40, jul./set. 2013. SCIELO. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pcp/a/dR3gyL48vfth6NynF9bK8BK/?format=pdf&lang=pt>>.
Acesso em: 15 Mai 2023.

TOKARNIA, M.; **Braille**: especialistas dizem que há avanços, mas ainda muito trabalho. Agência Brasil. Brasília, 2019.

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/braille-especialistas-dizem-qu-e-ha-avancos-mas-ainda-muito-trabalho>>. Acesso em: 15 Mai 2023.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Qual sua idade?
2. Atualmente, você estuda? Qual ano?
3. Qual o seu tipo de deficiência visual (cegueira; baixa visão)?
4. Numa escala de 0 à 5, onde zero corresponde a pouquíssimo e cinco corresponde a bastante, o quanto você gosta de ler?
5. Você costuma ler com que frequência?
6. Você sente dificuldade para ler? Se sim, porquê?
7. Você já leu algum livro em braille? Você encontra com facilidade? Onde costuma encontrar?
8. Cite algum livro que você já leu, ou que alguém já tenha lido para você.
9. Tem algum livro que você gostaria de ler e ainda não conseguiu? Por quê não conseguiu?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação:

Título do Projeto: “A FORMAÇÃO LEITORA E A DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÕES SOBRE O ACESSO A LITERATURA INFANTO-JUVENIL EM BRAILLE”.

Pesquisador Responsável: RUTH EMANUELLE CARVALHO MOREIRA sob a orientação da Profª Drª ADENIZE QUEIROZ DE FARIAS.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA.

Telefone para contato: (83) 987041916.

Nome _____ do _____ voluntário:

Idade: _____ anos. R.G. _____
Responsável legal (quando for o caso):

R.G. Responsável legal: _____

O(A) Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “A formação leitora e a deficiência visual: reflexões sobre o acesso à literatura infanto-juvenil em braille”, de responsabilidade da pesquisadora Ruth Emanuelle Carvalho Moreira.

Esse documento visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você e que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

O objetivo principal do trabalho é compreender como se dá o acesso à leitura por parte de jovens com cegueira ou baixa visão. Os objetivos específicos são: Conhecer o processo de alfabetização e leitura em Braille, como também identificar a legislação que assegura o direito de acesso ao livro em Braille e conhecer os obstáculos presentes na produção desse recurso. O desenvolvimento da pesquisa contará com uma entrevista individual e vislumbramos que os resultados desse estudo instiguem a articulação de cobranças aos poderes públicos quanto às devidas medidas para garantir o cumprimento das leis que respaldam o direito à literatura, educação e cultura, a fim de promover a verdadeira inclusão.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou contribuir com as atividades solicitadas pela graduanda. A pesquisadora responsável estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Solicitamos a sua colaboração para a participação da entrevista, como também seu consentimento para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, suas informações pessoais serão mantidas em sigilo.

Informação de Contato do Responsável Principal e de Demais Membros da Equipe de Pesquisa:

Ruth Emanuelle Carvalho Moreira (Responsável Principal pela Pesquisa)
E-mail: ruthemanuelle1997@gmail.com.
Telefone: (83) 987041916.

Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.
Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 17h.
Homepage: <http://www.ce.ufpb.br>

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)
Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba Campus I – Cidade Universitária, João Pessoa - PB. E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.
Telefone: +55 (83) 3216-7791.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ou

Eu, _____, RG nº _____, responsável legal por _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

João Pessoa, ____ de _____ de _____

Nome e assinatura do participante ou seu responsável legal

Pesquisadora Responsável

Testemunha

Testemunha